



**CÂMARA DOS DEPUTADOS**  
DEPUTADA FEDERAL ALICE PORTUGAL - PCdoB/BA

**COMISSÃO ESPECIAL DESTINADA AO EXAME E A  
AVALIAÇÃO DA CRISE ECONÔMICO-FINANCEIRA**

**Requerimento n.º \_\_\_\_\_ de 2009  
(Da Sra. Alice Portugal)**

*Requer a realização de audiência pública para discutir os impactos da crise financeira internacional sobre o mercado de trabalho da mulher no Brasil.*

Senhor Presidente,

Requeiro a Vossa Excelência, nos termos do Regimento Interno da Câmara dos Deputados a realização de audiência pública da Comissão Especial destinada ao exame e a avaliação da Crise Econômico-Financeira para discutir os impactos da crise financeira internacional sobre o mercado de trabalho da mulher no Brasil.

Requeiro ainda que sejam convidadas para participar desta audiência pública as seguintes autoridades:

- 1- Ministra Nilcéa Freire, da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres;
- 2- Representante do Ministério do Trabalho e Emprego;
- 3- Representante do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA;
- 4- Representante do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher da Universidade Federal da Bahia.

**Justificativa**

Nas grandes metrópoles do Brasil, em tempos de crise, os maiores prejudicados com o desemprego são do sexo feminino, pretos ou pardos, jovens e com pelo menos o ensino médio completo, segundo dados da PME (Pesquisa Mensal de Emprego) levantados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Sujeitas a um rendimento menor, mais voltadas para o emprego doméstico e com menor inserção no mercado de trabalho, as mulheres representaram, na média de 2008, 58,1% dos desocupados. O percentual em dezembro, quando a crise já havia se instalado, aumentou para 58,4%. Em 2003, ficara em 54,6%. Elas ganhavam cerca de 70% do salário dos homens.



**CÂMARA DOS DEPUTADOS**  
DEPUTADA FEDERAL ALICE PORTUGAL - PCdoB/BA

De acordo com dados de 2008 divulgados pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), 51,7% das mulheres têm empregos vulneráveis, ou seja, trabalham por conta própria ou são trabalhadoras auxiliares ou familiares. O número é menor do que o registrado em 1997, quando o total de mulheres com empregos vulneráveis era de 56,1%. Mas a vulnerabilidade continua afetando mais as mulheres do que os homens: no total, 48,7% dos homens não são trabalhadores assalariados.

A coordenadora da área de Igualdade de Gênero e Raça da OIT, Solange Sanches, revela que, no Brasil, a maior profissão feminina continua sendo a das trabalhadoras domésticas, cujo percentual com carteira assinada mal chega aos 30%.

A participação das mulheres no mercado de trabalho é a mais alta da história, aumentou 18,4% na última década, o que representa 200 milhões a mais de trabalhadoras. Mas, no mesmo período, também aumentou o número de mulheres desempregadas: de 70,2 milhões para 81,6 milhões. O setor de serviços é o que mais emprega mulheres: em 2007, 46,3% das trabalhadoras estavam nessa área, seguida pela agricultura, com 36,1%.

Para o subsecretário-geral da ONU para Assuntos Econômicos e Sociais, Sha Zukang, historicamente, as recessões econômicas jogam uma carga desproporcional sobre as mulheres. Além disso, prossegue, as mulheres têm mais probabilidades do que os homens de terem empregos vulneráveis, estarem subempregadas ou desempregadas, carecer de proteção social e ter um acesso limitado aos recursos econômicos e financeiros.

Ante o exposto, faz-se necessário que esta Comissão Especial debata os impactos da crise financeira internacional sobre o mercado de trabalho da mulher brasileira.

Sala das sessões, em        de        de 2009.

**Alice Portugal**  
Deputada Federal